



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário

25 de Agosto de 1990

Ano XLVII — Nº 1212 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Notas da quinzena

A CABAVA de sair do refeitório, no meio do barulho saudável e alegre de mais de uma centena de rapazes, que os restantes estão na praia.

Uma senhora fez-se anunciar, entretanto, por um pequeno que veio ao meu encontro. Era uma rapariga nova, de 29 anos, abandonada pelo homem com quem vivia desde os 17, a braços com dois filhos, sem casa nem trabalho certo.

Não sendo de ao pé da nossa porta, meteu-se no comboio e veio por aí acima à busca de quem lhe desse a mão. Diante de si, abre-se o caminho da prostituição, onde não quer cair, por amor dos seus filhos. Sabe que ninguém a quer por respeito a si e aos filhos.

Ficou, muito cedo, sem a mãe. Experimentou o abandono do pai. Trazia as marcas da carência afectiva e da necessidade de amar e ser amada. O homem com quem se encontrou, anos atrás, deixou um vazio maior.

Agora, não quer ficar sem os filhos. Tem necessidade deles. Quer ser mãe; trabalhar e viver com eles. Não quer prostituir-se. Pede, antes, ajuda.

Escutei-a com atenção. Admirei a sua coragem. Percebi que tinha, diante de mim, alguém que não quer perder-se. E, quando assim é, a consciência só fica tranquila quando se faz tudo o que é possível. Ajudando a mãe, salvam-se os filhos.

Quem dera fosse possível curar-se sempre o mal na raiz! Vamos acudir à mãe, não vá acontecer termos que receber os filhos. Salve-se a família ou o que dela restar ainda com vida. No regresso ao Porto há-de encontrar lugar para viver. Com o seu trabalho ajudará a pagar a renda da casa. As crianças não-de ter o que for preciso para viverem com a mãe.

Na despedida, já com a certeza de que não lhe faltará a ajuda necessária, mas consciente, também, da dureza do combate, pede: — Reze por mim.

Quem se mete nestes trabalhos e ganha a confiança dos caídos, não quer outra recompensa senão a alegria de poder dar-se mais.

Doutra vez, foi a mãe dum pequeno que veio visitá-lo, em nossa Casa. Ainda na Cadeia, onde estava presa, escrevia cartas ao filho dizendo-lhe que ele era tudo na sua vida. Quando chegou, trazia um companheiro. Antes, o amor ao filho não conseguiu segurá-la. Caíu e foi presa. Agora, outra pessoa ocupava o lugar do filho. Situações dolorosas! Entramos no coração da criança e vamos percebendo a sua insegurança. Temos que ser cada vez mais para este filho.

Se aquela mulher tivesse quem lhe deitasse a mão... na hora própria... Somos tão fáceis em atirar pedras... Ai os nossos pecados de omissão!...

Dar a mão, a tempo e horas, é sinal de amor verdadeiro. Foi aqui falado o caso duma rapariga, mãe também, que ficou sem o marido, por acidente. A surpresa com que tudo aconteceu deixou a pobre viúva desnorçada. Valeu-lhe a ajuda pronta da comunidade onde vivia. A casa e o pão não lhe faltam. O trabalho também não. É uma ajuda inteligente e eficaz a que se junta a colaboração dela própria.

Quem não tem em suas mãos um bocadinho, pelo menos, da solução de tantos problemas?

Padre Manuel António



Alegria, na casa da praia de Azurara!

SETÚBAL

S ABOREAR o Reino de Deus que Jesus pregou como a delícia mais apetitosa dá vida, é fogo contínuo dos padres da rua mais de quem vive por dentro a aventura de amar os Pobres na pobreza, dando e recebendo. Dar sem medida, sem orçamentos nem verbas. Dar conforme as necessidades e o senso prático de quem quer construir pessoas sem olhar ao que tem, mas sempre à urgência concreta das situações!

Receber no deslumbramento inesperado dos motivos que o Pai providente põe no coração dos seus fiéis! Razões de acção de graças, de uma promessa, de um pedido, de louvor, de uma amargura, sofrimento ou morte como machadadas que Deus utiliza para ferir e enfraquecer a obstinada árvore do egoísmo pessoal ou familiar. Machadadas que também nos atingem a consciência, obrigando-nos a acreditar e tornando sempre mais evidente a bem-aventurança evangélica — «Felizes os Pobres» — que o mundo em crescente cegueira rejeita; proclamando em loucura progressiva: «Felizes os ricos».

É de 4/8/90. Uma mensagem simples espelhando a singeleza de quem a escreve: «Bons amigos, o cheque que segue, na importância de cem mil escudos, é para comemorar e como acção de graças pelas nossas bodas de ouro matrimoniais. Que esse dinheiro sirva para resolver ou ajudar qualquer necessidade muito urgente».

Poderiam ter feito uma festa, juntando a família num restaurante ou em casa, como tantos fazem, mandando

até celebrar Missa em busca subtil de glórias vãs. Poderiam ter organizado um passeio ou peregrinação aos lugares mais sagrados do mundo ou mesmo umas férias especiais em recantos escolhidos. Não. Nada disso. Preferiram esconder-se e partilhar bens com os Pobres na abundante alegria de Jesus.

Cem contos é quanto tenho gasto, em média, por semana, para acudir a necessidades urgentes.

Estes gestos multiplicam-se na nossa Obra e são eles que aguentam o peso material das nossas Casas, mais dos Pobres que as demandam. Normalmente são anónimos ou com a recomendação de segredo, mas bem eloquentes na sua expressão evangélica.

Tudo guardamos no coração como um apelo constante a uma entrega mais pura!

Padre Acílio

PARTILHANDO

E NTREI, um dia, numa fábrica de tintas em Luanda. Escolhi cores e indiquei quantidade. Quando preparava o pagamento apareceu o dono para me dizer: «O Padre Américo já pagou há 28 anos». Depois contou-me, enternecido, os quinze dias de férias com Pai Américo nas ribeiras e nos montes.

Eis:

«Fui dos primeiros a ir para as Colónias de Férias. Dias felizes, como eu nunca tinha tido! Recordo que no segundo dia da 1ª quinzena roubaram um queijo. Padre Américo perguntou quem tinha sido e que se não aparecesse o ladrão teria de fechar a Colónia. Ficámos

afritos e, todos em campo, descobrimos que tinha sido o filho da cozinheira. Padre Américo mandou-a com o filho no primeiro comboio — para exemplo de todos. Sabe, esta lição acompanhou sempre a minha juventude.»

Sabe-nos bem ouvir estes testemunhos vivos — espelhos claros duma pedagogia eficaz.

Um queijo? Que importância dá hoje o tribunal e a própria sociedade a um queijo?!

Perdeu-se a noção da importância das coisas pequenas; e a educação nasce e constrói-se a partir de e com elas.

Continua na página 4

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

«CASA DO XAI-XAI» — A reconstrução da moradia principiará, finalmente, na primeira semana de Setembro, tendo o empreiteiro já fornecido o orçamento definitivo: 722.000\$00, excluindo alguns acabamentos de valia.

Um grande encargo! Mas há que andar prá frente, pois é grande a nossa ansiedade, em função da carência dos Pobres. Só a uma família pagam os leitores 7.500\$00 de renda por mês.

O milagre será realidade! Pai Américo, no Céu, motivará os leitores como e quando for necessário. Aliás, esta moradia deve-se à generosidade das populações do Xai-Xai — Moçambique (daí o seu nome) quando ambos peregrinámos por essas terras de além-mar, em 1952, levando Pai Américo no coração a urgência, o impacto do Património dos Pobres. Estamos a ouvir as palavras que lhe brotavam da alma em explosões de Sobrenatural e toda a gente escutava a Mensagem do Pobre, religiosamente, fossem ou não cristãos. Tinha o carisma de ser entendido por toda a gente.

A *procissão* para a «Casa do Xai-Xai» cresce um nadinha mais, pelo que nos é dado avaliar nas presenças que se identificam expressamente.

Viseu: «Pela leitura do nosso querido O GAIATO vejo o vosso empenhamento em dar abrigo a quem o não tem. E vejo, também, o que padecéis por não poder acudir a todos. Felizmente há almas sensíveis que vão mandando o que podem para aliviar um pouco. Pois aí vai um pouco (100.000\$00). Não é o que eu envio que pode acudir. Mas 'muitos poucos fazem muito'. E é dentro deste tão aílado provérbio que quero entrar. Uma oração pelos meus Maiores que Deus chamou para Si, pois foram eles que trabalharam para agora ter a satisfação de ir ajudando como eles fizeram».

Assinante 36058: «Junto um pequeno donativo (2.500\$00) para a «Casa do Xai-Xai». Embora pouco, é com todo o amor e carinho, pois também tenho outros a quem gosto de socorrer. Por isso, vou tentando dividir um pouco por cada um. Que Deus vos ajude a levarem a bom termo essa obra para os Pobres. Pai Américo, no Céu, de certeza pede por todos nós e se alegrará por ver auxiliar aqueles que mais necessitam».

Mais 5.000\$00, de Setúbal. O dobro, da assinante 25061, de Santarém. Idem, da assinante 33275, do Porto. Mais 15.000\$00 do assinante 11354, «para comemorarmos os nossos 40 anos de casados, graças a Deus»; sendo dez para a «Casa do Xai-Xai» e cinco «para a Conferência acudir a um irmão mais necessitado».

PARTILHA — Tudo leva a crer que nesta parte da *procissão* haja uma ou outra presença que, no íntimo, também esteja motivada pela «Casa do Xai-Xai». Mas neste Banco da Providência, cujo capital são os Pobres, o que interessa é dar a mão — partilhar.

Aí temos o vale de correio, habitualmente expedido do Cacém. O cheque da «Avó de Sintra», referindo na carta amiga que «Deus não me deixou escrever mais porque os meus olhos estão muito fracos». Mais cem contos por intermédio da Casa do Gaiato de Lisboa (Tojal).

Assinante 9708: «Recebi, hoje, O GAIATO de 11 de Agosto. Como sempre, leio-o logo todo, duma ponta à outra, como se costuma dizer. Nas Notícias da Conferência de Paço de Sousa, rubrica Doença, chocou-me aquela doente incurável que vive sozinha, solteira, e que há-de precisar de muitos remédios. Assim, mando para ajuda 15.000\$00. Estavam para ir para outro sítio, mas este caso está em primeiro lugar. Peço não agradeçam. É obrigação auxiliar aqueles que têm menos do que nós. O meu donativo é por alma dos meus pais».

Do assinante 9790, Oliveira do Douro, mais 6.000\$00 e pede «uma oração ao Céu por intenção particular». Três mil, de Lúcia, «para serem distribuídos pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus como melhor entenderem». O assinante 6533 põe contas em ordem e, «se algo restar, é para a vossa Conferência». Por fim, de Pardelhas, mil escudos por intermédio de velha Amiga.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PARALELOS

É Verão!

Com ele, o sol, o vento quente e seco.

Mais quatro pequenos farrapões:

António, Dário, Márcio e Álvaro.

O nosso pão que aquece o corpo e a alma

Dos que vieram ontem e dos que cá estão,

É a festa do nosso trabalho!

Pai Américo segredava no nosso coração:

«Nós sabemos que aquele rapaz que dá conta

do seu recado aqui em Casa,

Também o fará no futuro emprego».

Faz muito calor!

São oito horas.

Rapazes e mestres com pás, picaretas e carros

de mão...

Verdadeiramente encantados!

Edificam a calçada:

Paralelos mais paralelos.

Agora é a rua principal.

Uma presença sorridente

Abraça e inculca nos nossos corações

A Vida de Jesus Cristo.

«Quem quiser educar tem que ajoelhar.»

— Daniel, a tua bicicleta?...

— Manica, quem é que vai lavar a louça?...

Ruas novas a surgir

Das mãos de rapazes e mestres...

Paralelos mais paralelos!

José Manuel dos Anjos Nunes

PAÇO DE SOUSA

ANTIGOS GAIATOS — Têm-nos visitado bastantes irmãos nossos, de outras gerações, antigas e recentes, que aproveitam para rever a nossa Casa e relembrar os tempos passados.

A propósito de antigos gaiatos, o irmão do Júlio Mendes, o Amadeu «Elvas», foi para o Céu no dia 31 de Julho, em Lisboa. Ele pertenceu ao primeiro grupo de fundadores da nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa e Pai Américo refere-o em várias obras publicadas. Num dos trechos que mais gostei, diz assim: «Muito se tem falado e escrito acerca da Casa do Gaiato do Porto; porém, aqui é que se encontra a única interpretação fiel da Obra da Rua. De começo apresentam-se os três pequeninos fundadores que seguiram da Casa do Gaiato de Coimbra para Paço de



O Amadeu «Elvas»

Sousa, no derradeiro dia de Maio de 1943, sob o sinal da Cruz. O trabalho na Casa do Gaiato é todo feito por eles. A Obra é deles, para eles; nós aprendemos com as abelhas. Trata-se duma Instituição absolutamente nova, fora e acima de tudo quanto existe no País em matéria de Assistência, fundada na experiência da Casa do Gaiato de Coimbra (Miranda do Corvo) e na própria natureza das coisas; carrilar o rapaz, respeitando e orientando a sua personalidade. Os três primeiros são: o António, de Amarante; o Adolfo, de Coimbra; e o Amadeu, de Elvas — ontem sem sorte, hoje felizes. No grupo aparece também a figura de um sacerdote (Pai Américo). Não é que ele se queira mostrar ao mundo, mas sim para que se saiba e compreenda que o Padre é indispensável nas Obras de regeneração de almas!»

PRAIA — As nossas férias têm corrido bem: seguiu o terceiro turno, último da época balnear, para a nossa casa de Azurara (Vila do Conde).

Fazemos votos que aproveitem o melhor possível.

PISCINA — Neste Verão quentíssimo, a piscina tem sido muito frequentada.

A água é mantida com muita higiene, pelo tratamento feito. E alguma dela tem sido aproveitada para rega, depois da limpeza da piscina.

FUTEBOL — No domingo, 5 de Agosto, recebemos o Sport Clube de Canidelo. Um jogo para rapazes entre os 14 e os 16 anos. Apresentámos a nossa equipa juvenil e perdemos por 2-0.

Shéu

AZURARA

Regressámos de Azurara, onde estivemos com os mais pequeninos.

Dias barulhentos, repletos de muita ternura e alegria. O sol e o calor foram companheiros de todos os dias.

Em nossa casa o ambiente familiar reinou e deixou saudades e raízes profundas...

Ainda vemos os pequerruchos a saltitarem na água. Uns, mais afoitos e arrojados. Outros, medrosos, pediam uma mão acolhedora que os segurasse no caso de vir uma onda forte...

Os mais «velhos» atiravam-lhes água com intenção de os tornar mais fortes e destemidos.

Temos saudades dos «batatinhas» e «batatões», daqueles banhos acompanhados de gritos, gargalhadas, corridas e brincadeiras...

Em casa, cada um tinha a sua tarefa: uns varriam, outros cozinhavam (e que bons petiscos! Não provaram? Não sabem o que perderam...), lavavam a louça, punham a mesa, arrumavam os armários que sempre ficavam desarrumados. Os «batatinhas» apanhavam os papéis. Chefes, sempre atentos, ajudavam e ensinavam.

De quando em vez a paciência fugia e então chamavam-nos, pedindo apoio maternal.

Vizinhos e Amigos visitaram-nos e sentiam-se familiarizados connosco; apareciam várias vezes, com naturalidade, partilhando também as suas vidas. Conversavam connosco, riam, brincavam, pediam «receitas» e até alguma lágrima no canto dos olhos pudemos ver... Foi bom, muito bom! Enriquecemo-nos mutuamente... A irmã «bonita» dos bolos, também não faltou com a sua fornada deliciosa...

A meio deste turno, a Teresa deixou-nos, devido a trabalhos extras. Custou vê-la partir, mas, ainda hoje, a sentimos connosco. Bom regresso Teresa...

Recordamos o Evangelho do 2º domingo, passado em Azurara, (Mateus XIV, 13-21 — a multiplicação dos pães): «Não temos aqui senão 5 pães e 2 peixes» diziam os Apóstolos, receosos, pouco confiantes... Nós também sentimos a nossa pequenez... Queremos grandes coisas mas receamos..., almas de pouca Fé!

Do nada, Deus edifica! Provámos esta verdade na nossa casa, necessitada de obras, com pouco conforto; sentimos a vivência da multiplicação dos pães e dos peixes... Obrigada, Senhor, por teres estado connosco na sementeira de sonhos que cresceram em Azurara, tal como nos mandou dizer a Teresa em cartão amigo.

Maria Angélica e Mila

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Na praia, com a humidade da areia nas pernas, enchia os olhos de azul antes do regresso, como um camelo que vai atravessar um deserto adivinhado.

O azul trouxe-me o Armando — aqueles olhos onde o mar parece morar — sem barcos de passeio, sem férias, a arrastar o tempo pela Ribeira; a D. Lurdes e também os olhos riscados a vermelho nas tempestades de lágrimas quase quotidianas; e os outros...

Comovido e mudo.

É curioso como em certos momentos se consegue estar inteiro nos triunfos e nas falências dos outros, libertos de nós, de necessidades, de grades, do nosso umbigo! Estar.

Antes foi o tempo apressado. Foram os exames e imponderáveis. Há já muito tempo que não vou às reuniões da Conferência. Sou assim, pelo menos, deste lado, mais leitor; são mais para mim estas linhas. Saboreio-lhe a transparência e alimento-me da verdade lançada nelas. Incomodam-me, questionam-me. Compreendo.

Dias antes de deixar o Porto, recebi uma chamada telefónica duma assinante e leitora deste espaço, residente na Holanda, que envia mensalmente um cheque para o leite das crianças desta

família que vou tentando ajudar e aqui comungar. Estava em Lisboa. Queria vir ao Porto, conhecê-los. Falar com eles. Estar.

Ao terminar este pedaço de coluna, fica-me sempre o sabor do incompleto, da impotência. Tento encontrar a dicção exacta para o grito sonhado, que nos desperte e revele — tão superficiais, tão pequenos, tão vulgares!...

Mas não, continuo a lavrar incessantemente um desejo indefinido que me fica nas mãos... Nada basta!

Assim, seja Ele — tem nas mãos o segredo da onipotência — a moldar as palavras, na leitura; a despertar gestos, na inquietação; e a dizer o mais, no silêncio.

Henrique

MIRANDA DO CORVO

FÉRIAS — O Verão é para muita gente o tempo mais importante para passar férias e para outros é mais um ano de sementeiras, das quais surgirá o fruto do seu trabalho. Pois, por nosso lado, uns descansam à beira-mar e outros trabalham para conseguir o pão de cada dia, o que é muito importante para a nossa Casa — como diz o nosso Padre Horácio. Nem toda a gente é alegre com aquilo que possui, nem toda a gente tem tecto para se recolher, nem toda a gente tem um pedacinho de terra para cultivar o seu próprio pão; é por isto que a Casa do Gaiato existe, e, graças a ela, muitos rapazes estão a tornar-se homens para mais tarde serem fonte de exemplo para aqueles que desconhecem o verdadeiro valor da vida e o verdadeiro sentido das coisas que nos envolvem e mostrar aos Pobres a sua solidariedade.

AGRICULTURA — Aí vem o tempo do milho que, transformado mais tarde em pão, encherá os nossos estômagos. As nossas hortaliças continuam com bom aspecto e bom sabor, apesar do calor que temos sentido.

OBRAS — As obras, em Casa, estão por começar. O projecto já está feito; só nos falta pôr mãos ao trabalho. Mas, antes disso, têm que ser tomadas as devidas decisões. A nossa piscina foi pintada novamente, mas, desta vez, de azul; e os balneários estão modificados e já funcionam como novos.

DESPORTO — No dia 22 de Julho, tivemos a alegria de ganhar folgadoamente a final do torneio da Pereira com a nossa equipa jovem vencendo o Espinho por três bolas a uma, alcançando o 1º lugar; e também conseguimos atingir o nosso principal objectivo: a taça Disciplina. Durante este torneio portámo-nos dignamente e demos o exemplo de disciplina no campo. Estando desfalcados, não deixámos de mostrar alegria pelo nosso êxito que só foi conseguido pela união dos jogadores e pela confiança do treinador.

Por fim, como se costuma dizer, não há vencedores, nem vencidos; os dirigentes do Espinho ofereceram uma boa caldeirada a ambas as equipas, para mostrar a sua solidariedade e confraternização connosco. Até no desporto é importante «não haver violência!»

Carlos Zé

CHARCO

No meio da rua há um charco... Cada vez que olho para as suas águas espelhadas, vejo fontes puras e frescas dum dia quente de Verão, que correm desde o fundo de um lençol subterrâneo até um pequeno lago... Vejo o céu azul dos montes sobrevoado por montinhos multicolores de todo o tipo de aves que acasalam e labutam honestamente pelo seu ninho justo... Vejo os montes altos cheios de cor e vida, ar e beleza, conforto e paz, onde tudo contribui para a harmonia...

No mesmo charco consigo ver os oceanos e mares que estendem generosos alguns dos seus bens aos que lhes pedem... e as gaivotas que fazem festa à chegada dos pescadores com os seus barcos repletos de peixe...

Um outro cantinho do charco que eu olho, está cheio de sujidade e lodo; vejo, entre nuvens e poeira, rios que já foram de prata e se tornaram ferrugem e podridão... Os peixes morrem; o rio, que antes estendia harmoniosamente os seus bens por aqueles que necessitavam, distribui agora o lixo negro das fábricas e dos esgotos que substituem as águas... Estas cheiram a morte. Vê-se por vezes um ou outro pescador lançar a sua cana, tentando recordar os velhos tempos de ouro...

Este canto mais escuro do charco foi visto já por todos os homens e todos chapinham nele, mas não como as crianças, pois estas são inocentes...

Há quem se desculpe a si mesmo tentando enganar a própria consciência, dizendo mil barbaridades; alegando, por fim, não haver outro remédio. Outros batem com a mão no peito dizendo «como está mal o mundo... mas nada muda. Há quem continue o seu caminho e não veja a sua figura chapinhando como os outros naquele canto lodoso do charco. Há os que têm medo de pensar numa solução e preferem enganar-se...

Onde se encontra a humanidade do homem: Na destruição e na fome de ter cada vez mais, não importando como?... Ou antes no esforço pela harmonia dentro do Universo que depende de cada um?!

Nunca é demais gastar mais tinta neste assunto... Afinal, todos estamos no mesmo canto do charco e compete-nos deixar de chapinhar no lodo e no lixo e termos um cantinho limpo, cheio de vida e de alegria...

Bento

TOJAL

OBRAS — Já cá está um calceteiro a fazer as linhas de água. Chegarão brevemente mais dois. Este mês pensamos ter a entrada principal toda calcetada e dentro de pouco tempo, as nossas ruas.

AGRICULTURA — Começámos a sulfatar as laranjeiras. É uma aposta para termos boas laranjas no próximo Inverno. Também já há muito tomate para as saladas, doce e calda. Este ano o tomatal surpreendeu-nos com uma boa colheita. No olival os estudantes fazem as caldeiras para ser mais fácil a apanha da azeitona.

PECUÁRIA — Nasceram mais patinhos. Morreu o nosso cãozito e o Nuno ficou triste, pois era ele que o tratava.

CARAS NOVAS — Vieram mais três, no mês de Julho. Um, é do Algarve; os outros dois, de Lisboa.

FÉRIAS — Na Ericeira, acabaram as férias. Em Mira, estão prestes a findar. E para Setúbal irá ainda mais um grupo. Óptimas férias para os nossos leitores.

Luís Miguel Fontes

DESPORTO — Participámos num torneio de futebol de salão organizado pela paróquia de Santo Antão do Tojal, no dia 20 de Julho. Apresentámos quatro equipas: duas dos mais pequenos e duas dos maiores.

Saimos em parte vitoriosos; apenas com a derrota da equipa B, dos maiores.

As duas equipas dos mais novos ganharam por 3-1 e 4-2 respectivamente. A equipa A, dos grandes, num jogo bastante difícil, no qual defrontámos os nossos rivais, ganhámos por 2-1; e a nossa segunda equipa tendo alguns jogadores em férias, foi derrotada por 7-3, mas apresentando boas indicações de futuro.

Ao fim e ao cabo houve mais um convívio do que propriamente um torneio onde há vencedores e vencidos.

Desde já aproveitamos para dizer aos nossos leitores que torneios destes estamos sempre prontos a enfrentar; um bom jogo de futebol e muito mais!

Portanto, se nos quiserem convidar cá os esperamos.

AGRICULTURA — A batata está toda apanhada. Mesmo com um sol de queimar, trabalhamos muito, sempre com água fresca e alguns iogurtes.

O alho e a cebola também já estão colhidos e quase todo o tomate.

Ângelo Duarte Félix Ferreira

Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos

Esta actividade, a Cooperativa, tem despertado em nós um renascer de lembranças de convívios de perto com Pai Américo, que até certo ponto estariam adormecidas depois de tantos anos e muitos por terras africanas.

As cartas que nos têm chegado são em parte responsáveis por esse despertar, pois para além do donativo, são portadoras de mensagens que nos sensibilizam muito.

Cada carta é uma mensagem, mesmo aquelas que nos chegam apenas com o donativo dentro do envelope.

Em ambos os casos, ressalta de imediato à nossa apreciação a afirmação da solidariedade dos nossos leitores para com outros seres humanos mais desfavorecidos.

Ressalta ainda a mensagem de amor e fraternidade, num mundo onde prevalece a mentira, o egoísmo e a injustiça.

Nos donativos que nos têm enviado, não vemos neles uma esmola que se dá a um Pobre, mas sim a distribuição de algo que sobra, embora saibamos que nalguns casos essas sobras são resultado de muito sacrifício para o orçamento familiar.

Como Pai Américo apreciava essas «migalhas», que homens e mulheres do povo anónimo depositavam nas suas mãos!...

Vejam o que, entretanto, chegou para a «Conta Especial da Cooperativa»:

De Castelo Branco, 5.000\$00; Lisboa, 50.000\$00 de Alda, que nos diz: «Li no jornal O GAIATO a notícia sobre a Cooperativa de Habitação e a vossa decepção ao abrir as propostas. É um dos maiores problemas adquirir uma casa própria para quem não possui um ordenado do qual possa tirar o supérfluo para esse fim». É na verdade um sério problema, sobretudo para os jovens casais que pretendam viver em condições humanas. Elvira, do Porto,

DOUTRINA

La muito bem inserida aqui a fotografia dos noivos. Mas na nossa «desorganização», há sempre uma pedra que falta. E se a foto não chegar a tempo, vai depois... O assunto, esse está e tomo-o em mãos, agora que é ainda uma impressão muito viva na minha mente.

Foi no casamento do Barros, há oito dias. A Lina, sua mulher, a mais velha de três irmãos, ficou órfã de mãe, era adolescente. O pai, porque se sentisse incapaz ou porque prezasse mais a liberdade para reconstituir a sua vida, pretendeu colocar os filhos em instituições. Esbarrou, porém, com os padrinhos da Lina que, pela força do vínculo que a ela os unia, a reclamaram e se prontificaram a receber também os dois irmãozitos. Eis uma família que parecia destinada à diáspora, de novo congregada pela solicitude daquele casal modesto, próximo da velhice, que se dispôs a assumir a paternidade que compete aos padrinhos quando as circunstâncias da vida dos afilhados os chama da suplência à efectividade. Oh consciência!

De facto é esta a doutrina cristã, que a língua inglesa enuncia com essencial simplicidade no próprio nome deste parentesco estabelecido pelo Baptismo: padrinhos — *pais perante Deus*.

O vínculo não vem do sangue, mas enraíza *realmente* no Sacramento. Cria impedimentos para o futuro. Os padrinhos de Baptismo não são meras testemunhas de um acontecimento que marca sobrenaturalmente a vida dos que o recebem. São associados à Vida nova em que o afilhado ficou constituído para sempre. E porque essa Vida é

manda um cheque de 30.000\$00 e escreve: «Já não se lembra de mim, mas eu, você e o Licínio fomos algumas vezes visitar uma Pobre que havia no Barredo, ao fundo da Rua de S. João, quem vira à direita, que faleceu depois de grande sofrimento». Já passaram muitos anos, mas recordamo-nos dessas visitas ao Barredo, muitas das quais com Pai Américo.

Nota curiosa: No dia em que recebemos a carta, encontrámo-nos em Paço de Sousa com o Licínio, há muitos anos a viver em Paris e que também há muitos não via.

Do Montijo, Manuel Fernandes: «Para os fundos da Cooperativa, junto um cheque de 10.000\$00. Quando me for oportuno voltarei ao vosso contacto».

De novo o Porto, Jorge com 10.000\$00, «oferta para a Cooperativa».

Olhão também está presente através da Cecília: «Tendo lido n'O GAIATO a organização da vossa Cooperativa, tive o desejo de também ajudar nesse sentido; por isso, envio um cheque de 50.000\$00».

É interessante verificar a presença de várias localidades do País, sinal que não será em vão a luta que estamos a travar.

Mediante Pai Américo, pedimos ao Senhor a bênção para todos vós.

Carlos Gonçalves

a Vida divina, é perante Deus, de Quem o afilhado foi tornado filho, que os padrinhos ficam comprometidos a respeito da sorte eterna do baptizado, a qual, por ser eterna, inclui a vida temporal e os não dispensa de também a ela estarem atentos e implicados nas suas vicissitudes. Mais que dos pais, é de Deus que se tornam compadres. E se este compadrio lhes não exige pesados encargos quando os pais existem e estão no seu lugar, na falta destes recai sobre eles um dever autêntico de paternidade.

É muito sério ser padrinho. As exigências não se esgotam numa vida cristã em que não haja nada de grave a apontar. Elas vão mais fundo: à *consciência* cristã de todas as responsabilidades consequentes a que se obriga quem aceita sê-lo.

Por isso não é de ânimo leve que se pode ser padrinho. Quem aceita sê-lo, tem de medir as suas forças. Tem de prevenir a sua capacidade de resposta se for chamado a responder em primeiro plano às necessidades do afilhado. Não deve colecioná-los como quem coleciona bugangas. Eu conheço gente fina e abastada que se dá a este *hobby* e faz dele bandeira: «Eu tenho tantos afilhados!» De um caso me estou lembrando em que os «tantos» se contavam por dezenas. Tantos... e, se calhar, nenhum pode contar com os padrinhos como pais perante Deus! A prenda (nem que seja prenda!) na festa do baptizado, talvez no casamento, talvez o folar da Páscoa... — e missão cumprida!

Tão leviana é a prática corrente nas nossas cristandades, neste ponto da eleição de padrinhos, tanto da parte de quem escolhe como dos escolhidos! Quantos baptizados retardados ou apressados para aproveitar os padrinhos que vêm ou que partem. Valerá a pena?... Haverá razão séria para a espera ou para precipitação?... Nós mesmos somos muitas vezes abordados por casos destes, «furos» à regra pastoral do Baptismo a realizar no seio da Comunidade Paroquial depois da necessária e devida preparação próxima, já que a remota raramente

existe. O Pároco não pode, talvez para lavar as mãos de um acto com que não concorda. E manda os interessados à procura de quem ministre o Sacramento.

Por tudo isto como rejubilei neste encontro com os Padrinhos-Pais da Lina, que o seu casamento com o nosso Barros me proporcionou! Calhou-me lugar diante deles, no almoço. A antiga leiteira e o velho pedreiro, hoje reformados, foram contando, com a limpidez dos justos, a história dos trabalhos passados. Olhava as suas mãos grosseiras e apeteceu-me beijá-las.

E agora já sei porque é que a Festa foi tão linda, no dizer de todos. Eles, a sua consciência — eis a fonte da graça que todos lhe encontraram.

Padre Carlos

Livros de PAI AMÉRICO

Pão dos Pobres (4 volumes); **Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato** (2 volumes); **Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina** (3 volumes); **Cantinho dos Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui...; Correspondência dos Leitores.**

DOUTROS AUTORES: **Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo**, Dr. João Evangelista Loureiro; **Calvário**, Padre Baptista; **A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida**, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; **O Lodo e as Estrelas**, Padre Telmo Ferraz.

★

Pedidos à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

RETALHOS DE VIDA

«Tó-Zé»

Eu sou o António José Alves da Silva, mais conhecido pelo «Tó-Zé». Tenho 15 anos e estou na Casa do Gaiato de Lisboa há sete. A minha mãe não me podia ter em casa por causa das minhas irmãs. Sou dos responsáveis de uma das casas, dos mais pequenos. Trabalho no campo, já fiz a 4.ª classe. Neste momento estou a pensar tirar um curso para mais tarde poder ajudar a minha mãe.

António José Alves Silva

Do que nós necessitamos

Não fosse a obrigação de pôr a Luz sobre o alqueire, havíamos de deixar esta coluna escondida e guardá-la para nós. Porque é feita com pedaços de vida, deixamos que apareça. Traz luz. Ajuda a caminhar pois abre caminhos novos. Ajuda a formar as consciências. Anuncia valores esquecidos. Pode ser o toque oportuno e necessário para encontrar a resposta a muitas inquietações. Eis: «Num breve intervalo do almoço, na correria da vida que, por vezes, não leva a nada, li um pouco do nosso jornal. Não mandei ainda nada, este ano, para O GAIATO, com as pressas do costume e a ânsia de ganhar mais um pouco. O seu artigo fez-me doer pela negligência, pelo fechar de olhos, pela ligeireza com que passamos pelos Outros. Não tenho muito, mas acho que tenho demais. Perdoe-me o atraso, o tão pouco».

É um testemunho saboroso que põe o dedo em muitas feridas que vão roubando a alegria de viver. É uma ajuda preciosa que vem do comum das pessoas. Vale pela experiência de quem o comunica.

«Temos 9 filhos e, já, 10 netos. Aí vai uma migalhinha daquilo que o Senhor nos dá. Tempo houve em que não podia fazê-lo.» Vem dum coração bom e sábio. Do que tem e na medida em que pode, reparte. Os bens que possuímos não são nossa propriedade absoluta e só nos pertencem na medida em que ajudamos os Outros. É doutrina social verdadeira.

Mais: «Ofereço metade da minha 1ª pensão de invalidez». Podíamos calar este gesto, mas não temos o direito de guardar para nós um dom de tamanho valor.

«O Francisco, meu filho de 14 anos, teve a sorte de acertar um 12 no Totobola e quis enviar esta parte para o que for mais útil. Eu junto

outro cheque para o mesmo fim.» Mãe e filho, de mãos dadas, ajudam-se mutuamente. A família constrói-se com actos pequeninos que saem do íntimo do coração.

«Como recebi o meu primeiro dinheiro de reformado, resolvi enviar parte dele para ser gasto no que for de mais necessidade.» Quem ousa pesar ou medir o que se dá deste modo? E este pormenor: «Com os cumprimentos da assinante 11491 e marido que, de acordo, assinou o cheque». Família unida até ao fim! Marido e mulher amarram-se um ao outro com laços que nem a traça nem a ferrugem corromem.

T.L.P. solidarizam-se com uma causa que há muito tempo abraçaram. Mais uma professora reformada com «esta migalhinha para o que for mais necessário no momento».

Que lindo! Grandes e pequenos, assim o mundo os classifica, sentem-se iguais no dar: «Eu já andava a juntar umas economias para ajudar os Pobres. Mas, como agora sei que no próximo mês vou ter subsídio de férias, o que não era costume, pensei: Se nos outros anos vivia sem ele, este ano também vou viver. Por isso, envio o meu subsídio de férias (que ainda vou receber), mais a pensão de sobrevivência deixada por morte de meu marido e mais umas economiazitas para perfazer a quantia. Que o Senhor aceite a

minha pequena dádiva». Foram 100.000\$00. Com estes pontos de referência quem são os fortes? Quem ajuda a salvar o mundo tornando-o mais humano, mais solidário? Onde estão os heróis? E os santos? As alavancas de um mundo melhor? Sim, a luz deve ser colocada sobre o alqueire para que todos vejam o caminho que pisam.

«Junto envio estes 1.000\$00, do primeiro subsídio de desemprego que recebi. Fui despedida da firma onde trabalhava há 15 anos, encontrando-me desempregada. Mesmo assim, não quero deixar de continuar a mandar as minhas migalhinhas.»

O Evangelho é de ontem, de hoje e será. Não é uma utopia. É para quem tem garra e acredita, a sério. «É pouco mas é com amor que dou estes 10.000\$00. Comecei a trabalhar, em trabalho certo, no mês de Março e só com o salário mínimo; mas, para quem nunca teve, é bom. Um beijo com muito carinho para todos e repartam um pouquinho com o Calvário; esses são os privilegiados de Deus.» Que dizeis? Os meios de Comunicação Social, se quisessem, poderiam fazer uma verdadeira revolução, enchendo as páginas e os noticiários com estas notícias. O povo havia de se levantar e aplaudir e ajudar. Doutro modo, não. O Bem tem mais força que o Mal. Abra-se-lhe o caminho e o nosso mundo será melhor.

Grupo de senhoras do Candal alinham na frente. Com mulheres destas, a batalha está ganha. Não desistem. Ganham gosto: ninguém as faz parar. É a sorte de quem, alguma vez, decidiu fazer o bem.

«Em espírito de partilha, para com meus irmãos mais pobres e que sempre socorreis, de coração tantas vezes angustiado, enviarei mensalmente a minha reforma de 70.000\$00 para viúvas em dificuldades, telhas para outros, mercearias, remédios, etc. Sou viúva — palavra pesada só por si. O Senhor me inspirou, nada me faltará.» Estes testemunhos são para meditar. A beleza desta coluna está aqui: partilha de dons que circula e gera comunhão de vida actuante.

Há quantos anos e quantos meses os 500\$00 em selos de correio! Tudo tão pequenino e de tanto valor! Mais um donativo de todos os meses ou quase todos, de um grupo de pessoas Amigas de Cascais que recebem a Sagrada Família.

«Quem dera que eu tivesse menos anos porque, assim, a minha vida seria a melhor dádiva. Mas... paciência! Os meus 67 já não permitem essa esperança...» Boa Amiga, não duvide de que o seu desejo é semente que frutifica!

«O meu nome é Diana e tenho 7 anos. Resolvi tirar 500\$00 do meu mealheiro e mandar para vocês.» Mais: «Tenho o gosto de mandar 250.000\$00, uma pequena ajuda para essa Obra.» Mais cem mil.

Padre Manuel António

NOVOS ASSINANTES

O GAIATO continua a mexer, muito profundamente, com a alma dos leitores! Foi sempre assim, desde a primeira hora.

Há gente que não descansa, que não guarda só para si o tesouro encontrado, sabe Deus como. Anunciam e partilham com o coração nas mãos. Levam o Famoso a toda a parte!

Curiosíssima, esta missiva da assinante 19026! Oram leiam:

«Há muito pouco tempo escrevi no meio duma grande aflição. Continuo a dizer que pensando racionalmente, tomara que todos os homens do Mundo tivessem só estes problemas que me afligiam. No entanto, reconheço que talvez seja egoísta e tenho sofrido muito; tenho, ao mesmo tempo, remorso de me martirizar e não entregar tudo nas mãos de Deus. Escrevi a pedir que intercedessem ao Padre Américo por mim. Acho que já me indicou o caminho. A angústia está a desaparecer lentamente, embora a preocupação continue. Espero que tudo vá passando. Não sou católica praticante. Mas, à mesa do café, angariei alguns novos leitores para O GAIATO. Talvez eles sejam tão ajudados como eu fui por certas coisas que lá li. Uns são familiares. Outros, não. Junto os nomes e moradas.»

Quatro dias depois, outra carta, que diz assim: «Continuo com a campanha de angariação de novos assinantes. Tenho a certeza que vai fazer tão bem a estas pessoas como me fez a mim. Pelo menos, que nos obrigue a pensar nos Outros para termos menos pena de nós. Aqui vão os nomes de mais quatro novos assinantes.»

O Fogo continua a arder nas Famílias dos nossos leitores e a motivação dos familiares prossegue, cresce dia a dia! Duas amostras bem significativas: Assinante 14181 — «Leitor d'O GAIATO há já alguns anos, venho trazer uma nova assinante, minha neta de 5 anos, que um dia destes, não sei por que bulas, me pediu para a levar a visitar a Casa do Gaiato, assim, a seco, sem mais nem menos. Alguém, no infantiário onde anda, lhe está a meter o «veneno» no corpo. E como não quero que tal se perca, muito pelo contrário, trago a surpresa duma nova assinante do «nosso» jornal, até ter a possibilidade de lhe fazer a vontade. E que é também a minha, só que a vida profissional tem sido toda de andarilho e só agora, atingida a reforma, o poderei fazer. Não se preocupem dela ainda não saber ler. Encarregar-se-á de pôr o pai ou a mãe a dar-lhe explicações tim-tim por tim-tim.»

Porto: «Por imperdoável descuido só agora ponho em dia a minha assinatura do Famoso. Envio um cheque (...) destinado aos anos da minha assinatura e a seis novos assinantes, quase todos meus sobrinhos, alguns já sobrinhos netos, muito pequeninos ainda, mas quero que O GAIATO chegue à mão dos seus pais.»

Padre Horácio

Júlio Mendes



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 752285
Fotocamp e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898

TRIBUNA DE COIMBRA

• Ontem a Maria do Céu telefonou a recordar a nossa grande Amiga que foi para o Céu. O Pai veio buscar D. Maria Isabel Telo de Moraes. Um encontro já há muito esperado pela idade e pela longa doença.

Quando a vi a última vez na cama dos hospitais fiquei em silêncio e meditação. A doença, por vezes, tem cunho de mistério.

Tantos anos de serviço e de doação e agora tanto tempo moribunda à espera de partir. Deus manifestasse Pai de muitos modos. O melhor caminho é aceitá-lo.

Conheci D. Maria Isabel há quarenta anos. Na sua casa, onde recebia meninas como hóspedes, tinha um mealheiro para ajudar os gaiatos. De vez em quando vinha D. Maria Isabel com suas meninas despejar o mealheiro em nossa Casa. Era sempre uma visita encantadora.

Na construção do nosso Lar e na sua inauguração D. Maria Isabel revelou-se como a galinha de ovos de ouro. O que ela trabalhou, os amigos que conseguiu, a oração que rezou! Nunca se mostrou cansada. E continuou a vir sempre que podia.

Uma apaixonada por todos os que sofriam. No corpo ou na alma. Uma vicentina sempre inquieta. Os meus Pobres eram a grande paixão da sua vida.

Quando tive conhecimento da sua morte louvei o Senhor e pedi aos nossos rapazes — os nossos meninos, como D. Maria Isabel gostava de lhes chamar — para O louvarem também.

• Cá em Casa andamos preocupados com o «Casaco», pois deixou um papel na cozinha a dizer que não estou para ser mais escravo dos outros e foi-se embora. Tem quinze anos e anda por aí. Anda por aí a monte. Já assaltou várias vezes o nosso Lar, partiu o vidro de uma porta e outro de uma janela. Entra e deixa portas e janelas abertas. Remexe o que pode e deixa tudo sujo. Os rapazes já foram duas vezes de Miranda a Coimbra, de noite, buscá-lo e tornou a fugir. O Zé Luís tem ido várias vezes participar à Polícia. E... nada.

Andamos preocupados. O «Casaco» fez o ciclo preparatório e é inteligente. Está conosco de pequenito. Filho de casal desfeito. Vivia com o pai numa barraca da barragem. Foi baptizado, a seu pedido, em nossa Casa. Escolheu para madrinha a senhora e para padrinho um dos rapazes mais velhos. O pai veio ao baptizado e recordo a carta maravilhosa que depois me mandou.

O «Casaco» tem feito muitas partidas nestes anos. Muitos roubos.

Quase sempre desconfiado. Tantas provas de carinho todos lhe temos dado. Tantas vezes conversei com ele e o aninei. Que poderemos mais fazer?!

Com a vida os filhos herdaram as virtudes e os vícios dos pais. Há muitos passos da vida que nunca somos capazes de entender. A mãe adoptiva do irmão do «Casaco» veio dizer-me das suas preocupações com o comportamento do filho que tem criado. O pai do «Casaco» morreu abandonado na barraca e ali esteve treze dias até ser descoberto. A mãe nunca mais se soube dela.

Que irá fazer a autoridade por este adolescente que agora anda por aí? Será mais um que fica? A Casa do Gaiato já não é o seu lugar. O «Casaco» não terá um lugar próprio onde se acomode e fique?

Esta é a nossa grande preocupação.

PARTILHANDO

Continuação da página 1

• Depois de ¼ de hora de chamadas, aviões e bombeiros e das falas da locutora a dizer que se supunha ser fogo posto, um dos nossos — reguila e traquina — disse-me «à queima-roupa»: «Se fosse eu também não me apanhavam... Fazia assim... cozido e frito...»

Fiquei angustiado e triste.

Imagens sem nexos e medida. O sensacional! Que atinja, totalmente, os nossos sentidos e aguce os instintos!

Deviam ser imagens «invertidas». Antes, mostrar as flores, os rios e as fontes! E então, sim, os locutores meterem a fundo toda a sua presteza (que a têm), para nos dizerem da urgência da sua conservação e limpeza, pois são tão necessárias à alegria e à nossa vida.

Ai se todo o aparato e preço de volta dos incêndios fosse empregue na limpeza das matas — estas não arderiam!

Digam isto senhores locutores.

Padre Telmo